

REFLEXOS E ESPELHAMENTOS – O MITO DE NARCISO E O DUPLO
EM *O ESPELHO - ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA*
HUMANA DE MACHADO DE ASSIS

Juliana C. Chagas Pereira¹

RESUMO:

Este trabalho pretende verificar como a questão do duplo expressa já no mito de Narciso é revisitada e reelaborada no conto machadiano *O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana*, e a partir desta, o conceito de identidade é discutido.

Palavras –chave: mito de Narciso, duplo, identidade, espelho, reflexo.

Introdução

A busca de si mesmo, de uma identidade e a cisão da mesma é tema recorrente na literatura. Desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade. Essa busca / problemática é explorada de diversas maneiras a partir da figura do duplo. Dois recursos frequentes para a representação do duplo na literatura são os reflexos no espelho ou na água. A procura de si, de uma identidade se desdobra no encontro do outro, no duplo, na percepção de que apesar de entendida como única, a identidade é fragmentária, daí resultando que o desejo de encontro de um ser completo e definido se resume apenas a uma aspiração humana.

A reflexão que será realizada no presente trabalho examinará a questão do duplo no conto *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* de Machado de Assis tendo como base a representação clássica do duplo apresentada no mito de Narciso, de forma a verificar quais elementos do mito podem ser encontrados no conto e de que maneira outros elementos são reelaborados resultando numa atualização da questão do duplo.

A escolha do mito de Narciso baseou-se no fato de que ainda hoje o mito desperta interesse e fascínio, sendo fonte para o desenvolvimento de teorias sobre aspectos da condição humana, além das diversas interpretações que lhe foram atribuídas ao longo do tempo.

O exame da questão do duplo aponta para a discussão sobre a noção de identidade. A mesma será analisada no mito de Narciso e no conto. Será verificado de que maneira podemos encontrar já na representação clássica do duplo um esboço dessa questão e como gradualmente ela é aprofundada e cada vez mais problematizada.

O Mito de Narciso – breve apresentação

Antes de qualquer consideração acerca do conceito de duplo, identidade ou da discussão sobre as relações entre o conto de Machado de Assis e o mito de Narciso, é necessária uma breve apresentação do mito.

No sexto capítulo do livro *Mitologia Grega*, Junito de Souza Brandão investiga o significado e origem da palavra narciso e apresenta as versões do mito. Resumidamente o mito conta a história de Narciso, filho do rio Cefiso e da Ninfa Liríope, cuja beleza era inigualável e por isso, era amado e desejado pelas deusas, ninfas e jovens gregas. Preocupada com o destino de seu belo filho, Liríope vai consultar Tirésias - um famoso profeta. Este lhe responde que Narciso viveria muitos anos contanto que não se visse. Porém, por ter rejeitado o amor da Ninfa Eco – que se transformou numa pedra de tanta tristeza -, Nêmesis condenou Narciso a amar um amor impossível. Narciso, insensível às demonstrações de afeto, apaixonou-se perdidamente por seu reflexo na superfície da fonte de Téspias e de lá não conseguiu mais se afastar, ignorando fome e sede. No lugar de seu corpo foi encontrada uma flor amarela, o narciso. Esta é a versão mais conhecida, contada por Ovídio e adotada no presente trabalho.

Ao longo da história são encontradas diversas interpretações do mito de Narciso, sendo que é sobretudo a partir do século XX que surgem trabalhos em diferentes áreas do conhecimento - como por exemplo na literatura, filosofia e psicanálise – que abordam o mito de Narciso como reflexão sobre a condição do homem e da sociedade moderna.

Assim como outros mitos gregos, o mito de Narciso foi incorporado à cultura ocidental, fazendo parte tanto do mundo das artes quanto das ciências. Surgiram e surgem de sua narrativa questões que se relacionam por exemplo à figura do duplo, ao reflexo, ao isolamento e à incapacidade de comunicação, sentimento de superioridade e perfeição. Assim, as interpretações possíveis do mito são de ordem infinita e por isso mesmo interessantes. O recorte para a análise em questão é a discussão da identidade a partir da figura do duplo. Apresentado o mito, partamos então para a verificação dos outros conceitos envolvidos na análise.

O conceito de duplo

Muitas são as formas de representação do duplo. Além das duas mais recorrentes anteriormente citadas, a saber: através do reflexo no espelho ou na água, encontramos ainda na literatura representações através da sombra, do gêmeo e do retrato. Seja qual for a forma que o duplo é introduzido na narrativa, a questão que se apresenta é a mesma: a bipartição do indivíduo

e a fragmentação da identidade.

Na literatura encontramos diferentes manifestações do duplo. Em primeiro lugar tem-se a concepção do duplo como extensão, sombra ou fantasma do *eu*. Nesta concepção, o duplo seria uma duplicação do *eu*, ele é gerado através do *eu* para em seguida se diferenciar e adquirir independência. Sua relação com o *eu* pode ser tanto pacífica – quando o *eu* identifica no duplo características positivas – quanto conflituosa – o *eu* percebe o duplo com características negativas e opostas às suas.

Numa outra concepção, o duplo é gerado não a partir da interioridade do *eu*, ele surge em algum lugar extrínseco ao *eu*. Nesta perspectiva a relação entre original X cópia se dissolve, pois cada indivíduo identifica o outro com sendo cópia de si mesmo.

É no século XX que as discussões sobre a questão do duplo se concentram sobre os temas da cisão do eu interior, da fragmentação da personalidade e, por conseguinte, a questão da identidade, além dos limites entre imaginário e real, que numa perspectiva literária pode ser desdobrado para as relações entre realidade e ficção. O duplo é o elemento que irá expressar com clareza o resultado da busca do ser humano por sua essência, por autoconhecimento, culminando fatalmente no encontro do outro, do desconhecido, desqualificando a ilusão humana de verdade como única e absoluta e de um único *eu*.

A crise de identidade

Falar do tema identidade é sempre tarefa trabalhosa e complexa. Não se fará aqui um levantamento aprofundado sobre a questão, mas não poderia deixar de abordá-la, tendo em vista este ser o principal desdobramento na questão do duplo tanto no mito de Narciso quanto no conto de Machado de Assis que este trabalho se propõe a examinar.

A etimologia do termo indica que sua origem é latina, sendo formado a partir do adjetivo *idem* (significando *o mesmo*) e do sufixo *-dade* (que indica estado ou qualidade). Assim, em sua origem a palavra *identidade* era aplicada à qualificação daquilo que é idêntico. Evidentemente o termo tem significado muito mais amplo do que sua origem etimológica aponta. Atualmente, uma das definições dicionarizadas que encontramos para identidade indica o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, como por exemplo, nome, idade, estado, profissão, sexo, dentre outros, ou seja, todo dado ou característica que diferencie os indivíduos uns dos outros. Podemos então inferir que ao mesmo tempo em que a identidade é o ato de diferenciar-se, de ser único, ela também é por outro lado igualação.

Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*

faz um estudo aprofundado sobre a evolução – ou melhor – fragmentação da identidade e dos fatores que levaram ao deslocamento e descentração da identidade do homem pós-moderno. A primeira descentração ocorrida no século XX, indicada por Hall, foi a releitura do pensamento marxista, na qual seus novos intérpretes entenderam que o homem faz a história somente a partir de condições previamente dadas. Desta forma, não pode o homem ser o agente da história. Esses novos leitores das teorias marxistas argumentavam que “o marxismo corretamente entendido, deslocara qualquer noção de agência individual” (HALL, 1998: 35). O segundo evento que contribuiu para a descentração da identidade foi a descoberta do inconsciente por Freud. Mais tarde, baseando-se nas teorias freudianas, Lacan desenvolverá a teoria da fase do espelho, pelo qual todo indivíduo passa e que lhe dará a falsa ilusão –segundo Lacan – de si mesmo como uma pessoa unificada. O terceiro choque à noção de identidade do homem foi realizado pelo linguista Ferdinand Saussure que “retirou” do homem a autoria e o domínio por aquilo que expressa através da língua. Para ele as palavras são “multimoduladas. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado” (HALL, 1998: 41). Michel Foucault é o responsável pelo penúltimo deslocamento da identidade do sujeito. Em seus estudos, traça uma genealogia do sujeito moderno baseada no poder disciplinar de grandes instituições. Esse controle examina e sistematiza os casos individuais de forma a caracterizar os fatos coletivos. O último choque à noção de identidade foi produzido pelo feminismo. O movimento feminista foi o responsável pelo surgimento histórico da política de identidade, que apelava para a identidade social de cada grupo específico.

Como já mencionado anteriormente, a busca pela identidade é uma das questões levantadas na temática do duplo. A partir da perspectiva dos estudos de Stuart Hall, o encontro com a verdadeira identidade seria impossível tendo em vista que esta é construída historicamente. Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo vai adquirindo identidades diferentes, que apesar de terem relação umas com as outras, são independentes. Essas identidades se manifestam de acordo com as diferentes situações.

As relações de *O espelho - esboço de uma nova teoria da alma humana* com o mito de Narciso e seus desdobramentos

O conto *O Espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana* narra o encontro de “quatro ou cinco” amigos, numa noite que se reuniram para debater “questões de alta transcendência”. Dentre estes, o quinto – calado, pensativo – chama-se Jacobina e em determinado momento da

conversa decide abandonar o silêncio e fazer algumas considerações sobre a alma, bem como relatar um fato que havia acontecido com ele em sua juventude, quando foi nomeado alferes e todos os eventos que sucederam a esta nomeação, como o prestígio que alcançou entre familiares e amigos e a sua transformação.

Segundo Otto Rank, o espelho é a representação do processo de duplicação:

a duplicação do ser se dá através da sombra, da imagem ou até mesmo do próprio reflexo; os povos primitivos acreditavam que aquele que não possuía uma sombra e nem um reflexo, morreria [...] o homem tem uma existência dualista, uma visível e outra invisível, esta última só pode ser percebida quando a personalidade consciente adormece ou então, quando o indivíduo se vê refletido, seja nas águas ou em espelhos. O homem primitivo considera a sombra ou a imagem refletida no espelho ou nas águas o seu misterioso duplo, como um ser espiritual, porém real. (RANK, 1939: 89)²

Confrontemos então a citação acima com o seguinte fragmento do conto: “não há uma só alma, há duas” (ASSIS, 1994: 2). A opinião de Rank parece ser a mesma de Jacobina, personagem do conto de Machado que faz a declaração acima para os seus amigos. Esta resume, de uma certa forma o tema do conto: um esboço de uma nova teoria sobre a alma humana. Teoria esta que abandona a concepção de unidade do ser ao determinar a existência de duas almas.

Destaco aqui não somente a divisão da alma humana em exterior e interior – que será melhor discutida mais abaixo – mas toda a construção do conto que aponta para a divisão. Pois a duplicação da personagem e dos elementos narrativos irão também gerar, por conseguinte, sua divisão em partes distintas. Nessa duplicação / divisão, Jacobina surge com o elemento “mediano”, sendo o quinto amigo do grupo, que tem aproximadamente cinquenta anos e irá relatar um fato que se passou com ele quando tinha vinte e cinco. Até mesmo o seu nome é indicativo desse espelhamento. Jacobina pode ser associado tanto ao vocábulo “jacobino” quanto a Jacó, personagem bíblico. Quando pensamos na primeira possibilidade, percebemos a ironia do autor ao nomear como Jacobina um homem calado, avesso às

discussões e disputas, tendo em vista que o termo jacobino foi empregado durante a Revolução Francesa para designar os membros de um clube político revolucionário. Jacó, por seu turno, irmão gêmeo de Esaú, nos remete mais uma vez para a questão do duplo. Jacó era o reflexo de Esaú, da mesma maneira que Joãozinho era o reflexo de Jacobina.

Não somente Jacobina é representante dessa duplicação / divisão, como também a estrutura do conto espelha esse jogo ao empregar repetidas vezes palavras como “duas”, “metade”, “meio”, “sombra”. Todo o texto e a personagem central são construídos numa forma de espelhamento. No conto, o espelho representa a questão da cisão do ser, da identidade e todo o texto é uma alegoria dessa questão.

Voltemos então à questão da alma interior e exterior. Para Jacobina, o homem é dotado de duas almas “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (ASSIS, 1994: 2). Ao longo da vida, a alma exterior pode mudar, de acordo com o interesse do indivíduo. No caso de Jacobina, sua alma exterior havia deixado de ser o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, no instante em que fora nomeado alferes passando a receber as cortesias e os “rapapés” de todos que o cercavam, principalmente de sua tia Marcolina. A partir do momento em que se viu sozinho na casa de sua tia, sem as atenções que tanto estimava, a alma exterior de Jacobina foi perdendo forma. Era o reconhecimento e apreço dos circundantes que definiam a sua alma exterior. Somente no sono Jacobina conseguia deixar atuar a alma interior – semelhante ao assinalado por Rank acima que o contato com a natureza humana invisível só é possível quando o indivíduo está adormecido ou se vê refletido – e nesses momentos, no sonho, ele estava novamente fardado, cercado de familiares e amigos. Da mesma forma, Narciso ao se deparar com seu reflexo na água, torna-se perceptível a existência invisível. Seu encantamento com aquele que é ele e é outro, visto que refletido, desperta nele uma paixão e um interesse pelo humano, ou um interesse sensual que nunca havia experimentado antes. Nessa solidão, lentamente a alma do homem - Joãozinho, que se tornará Jacobina - vai dar lugar à alma do alferes. A solidão de Jacobina o deixou vulnerável, de tal maneira que sem ninguém por perto para elogiá-lo, bajulá-lo, a sua alma exterior se perdeu e somente através do espelho é que pôde reencontrá-la.

Durante o período de solidão na casa de sua tia, Jacobina experimentou uma existência semelhante à de Narciso enquanto não se viu refletido na água: apática, vazia, enfadonha. É a visão do outro belo ou fardado que irá despertar ou devolver a alma exterior às personagens. É o outro que restitui a identidade do contemplador. Mas essa restituição é fatal, pois indica somente a impossibilidade de ser aquele que se contempla. O outro, desconhecido, duplo do seu observador, possuiu autonomia.

Após ter ficado sozinho na casa da tia, Jacobina não tinha coragem de se olhar no espelho, pois temia achar-se “um e dois ao mesmo tempo naquela casa solitária”. Porém, ao fim de oito dias decide justamente se olhar no espelho com o fim de achar-se dois. Ao se contemplar, não foi sem espanto que Jacobina – ou naquela época ainda Joãozinho – se espantou com a falta de definição dos contornos de sua imagem, “sombra de sombra”. Repentinamente, Jacobina decide então vestir a farda de alferes e neste instante a imagem refletida no espelho deixou de ser turva para ganhar contornos definidos. No reflexo do espelho, no outro refletido, Jacobina havia reencontrado sua alma exterior. Somente se contemplando no espelho que a personagem se sentia completa, numa ilusão de unidade engendrada pelo contato entre contemplador e reflexo, da alma interior com a alma exterior. No entanto a unidade não é possível, de forma que nesse embate Jacobina tornou-se outro. Arrisco mesmo a dizer que foi a partir deste contato que Joãozinho deu lugar a Jacobina. Assim também Narciso ao contemplar seu reflexo na água se torna outro.

Essa transformação das personagens e a impossibilidade de união e equilíbrio entre alma interior e alma exterior indicam a cisão da identidade / da alma humana. A busca de uma identidade resulta assim, no encontro com o outro, duplo do primeiro, mas também autônomo e a tentativa de fusão resultará apenas na morte / desaparecimento de uma dessas “identidades”. Narciso ficou paralisado e se transformou numa flor – o narciso e Joãozinho, se transformou definitivamente em Jacobina, o alferes.

Papel central nessa percepção da falta de unidade da identidade humana tem o espelho ou reflexo na água. Ele será o mediador entre a alma interior e exterior, dando num primeiro momento a impressão de resgate daquela que foi perdida, porém irá indicar na verdade a cisão do homem. O espelho proporciona um encontro, mas não unidade, na verdade ele revela a existência de outra identidade, do outro.

Considerações finais

Com este trabalho pretendi realizar o cotejamento do conto de Machado de Assis *O Espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana* com o mito de Narciso, levando em consideração a figura do duplo e a discussão da noção de identidade. Para tal análise foram necessários breves comentários a respeito de elementos chave para a compreensão da discussão proposta. É certo que temas como duplo e identidade são extremamente complexos e em nenhum momento foi objetivo deste trabalho um aprofundamento teórico sobre as questões. Foi feito um recorte de forma a servir para o enfoque dos mesmos no conto e no mito de Narciso.

A tarefa foi árdua, porém prazerosa. Nesse jogo de duplicações, sombras e reflexos que o confronto entre os dois textos permite, espero ter fornecido pelo menos pistas para uma reflexão mais aprofundada ou que ainda estas páginas possam servir de ajuda para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Neste misto de mito clássico inesgotável em suas diferentes interpretações e um conto que se abre como uma sala de espelhos, no qual o leitor é enredado por esse jogo de um “entre-lugar”, no qual a única impossibilidade é a unicidade, fica aqui registrado um percurso por esse caminho encantador e múltiplo que é a literatura.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II
- BRANDÃO, Jurito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1997. v. II
- _____. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. v. II
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução C. Sussekind, J. Laclette, M.T. Costa, V. Whately. Brasília: UNB; José Olympio, 2005. p.262.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 2.ed.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. Colaboração na terminologia: Dr. João Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1988. pp. 365 – 367.
- PAIXÃO, Sofia. *Identidade*. In: Dicionário de termos literários – verbete identidade. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm>>. Acesso em: 22/02/2010.
- RANK, Otto. *O Duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: 1939. 2 ed.

Notas:

¹ Mestranda de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ.

² Grifo nosso.